"Estratégia naval" & "Estratégia marítima": dois termos, um conceito?

Alexandre Sousa Carreira[1]
[1] *Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa, Portugal*

Resumo

Este artigo centra-se na análise de dois termos plurilexicais pertencentes ao domínio das ciências militares, cujo uso em contexto de comunicação de especialidade levanta-nos problemas para a organização do conhecimento. Os termos aqui focados são: "estratégia naval" e "estratégia marítima" que, numa primeira instância, aparentam designar um mesmo conceito. Além de observarmos um uso indiferenciado dos mesmos em documentos produzidos pelos especialistas, a interpretação da informação veiculada nos contextos em que ocorrem estes termos não nos é clara. Procuramos, assim, no quadro da dupla dimensão da terminologia – linguística e concetual –, clarificar a ambiguidade – uma característica dos (con)textos de especialidade –, que decorre do uso dos termos acima focados. O principal objetivo deste artigo é demonstrar uma metodologia adequada para o procedimento de levantamento de características que nos permitem verificar se, por um lado, estamos perante dois termos que designam o mesmo conceito ou se, por outro lado, estamos perante dois termos que designam conceitos diferentes. Para atingirmos este objetivo compilámos um *corpus de especialidade* com o programa Sketch Engine, uma ferramenta computacional de tratamento de texto, procedendo, seguidamente, à recolha e análise de alguns contextos dos termos em foco neste estudo. A partir da análise dos contextos selecionados obtivemos dados que nos possibilitaram proceder ao levantamento de um conjunto de características, cujas combinatórias delimitam os conceitos designados pelos termos em análise. É com base nas combinatórias destas características que procuramos inferir o lugar dos conceitos no sistema concetual do domínio das ciências militares e fundamentar a coerência da nossa proposta de organização do conhecimento. O presente estudo encontra-se, atualmente, em desenvolvimento. Neste sentido, deixamos em aberto um aprofundamento do presente artigo, assumindo que o mesmo acaba por retratar mais um passo para uma organização formal do conhecimento do domínio das ciências militares, que culminará com a construção de uma ontologia de domínio.

Palavras-chave

Ciências militares, conceito, estratégia naval, estratégia marítima, terminologia, termo

Abstract

This article focuses on the analysis of two plurilexical terms belonging to the field of military sciences, whose use in the context of specialized communication raises problems for the organization of knowledge. The terms focused on here are: "naval strategy" and "maritime strategy" which, at first, appear to designate the same concept. In addition to observing their undifferentiated use in documents produced by specialists, the interpretation of the information conveyed in the contexts in which these terms occur is unclear to us. Thus, within the framework of the double dimension of terminology – linguistic and conceptual – we seek to clarify the ambiguity – a characteristic of specialty (con)texts – that arises from the use of the terms mentioned above. The main aim of this article is to demonstrate an appropriate methodology for the procedure of identifying characteristics that allow us to check whether, on the one hand, we are dealing with two terms that designate the same concept or whether, on the other hand, we are dealing with two terms that designate different concepts. To achieve this, we compiled a specialized *corpus* using the Sketch Engine program, a computer text processing tool, and then proceeded to collect and analyze the contexts of the terms in focus in this study. From the analysis of the contexts, we obtained data that enabled us to survey a set of characteristics, the combinations of which delimit the concepts designated by the terms under analysis. It is based on the combinations of these characteristics that we seek to infer the place of the concepts in the conceptual system of the Military Sciences domain and to substantiate the coherence of our proposal for the organization

[1] a55264@campus.fcsh.unl.pt
ORCID 0009-0000-7576-8899

Copyright ©2026 The Author(s)

of knowledge. This study is currently under development. We therefore leave this article open to further development, assuming that it ultimately represents a further step towards the formal organization of knowledge in the military sciences domain, which will culminate in the construction of a domain ontology.

Keywords

Concept, naval strategy, maritime strategy, military science, term, terminology

1. Introdução

Este artigo serve para demonstrar uma metodologia desenvolvida sobre o tratamento da terminologia usada em contexto de comunicação de especialidade do domínio das ciências militares, com enfoque no subdomínio da estratégia militar (Carreira, 2023). O enquadramento teórico do presente artigo fundamenta-se na dupla dimensão da terminologia (Costa, Silva e Campos, 2020) – linguística e concetual –, a qual nos permite adotar diversas abordagens, dependendo do ponto de partida escolhido – o termo ou o conceito –, para levarmos a cabo o trabalho terminológico.

Para este estudo focamo-nos em dois termos, nomeadamente, "estratégia marítima" e "estratégia naval" e questionamos se estamos perante dois termos que apontam para dois conceitos diferentes ou se estes termos designam o mesmo conceito. Neste contexto abordamos, como ponto de partida, os textos produzidos em contexto de comunicação especializada com o intuito de aferirmos as escolhas terminológicas dos especialistas para chegarmos à organização do conhecimento do domínio, i.e., dos conceitos e respetivas definições.

Como primeiro passo compilámos um *corpus de especialidade* (Costa, 2002) com a ferramenta Sketch Engine[2] com base em critérios estabelecidos *a priori* como, por exemplo, as fontes e a pertinência do conteúdo.

Depois de explorarmos o *corpus* com o *software* Sketch Engine, analisámos a composição morfolexical dos termos identificados no *corpus* para, seguidamente, procedermos à extração de contextos em que os termos em análise foram utilizados pelos especialistas. Nestes contextos pudemos identificar as características que delimitam, no sistema concetual, os conceitos denotados pelos termos. Por último, confrontamos as características dos conceitos para concluirmos se os termos em análise designam o mesmo conceito ou se, pelo contrário, designam conceitos diferentes.

2. Dupla dimensão da terminologia

A terminologia enquanto ciência tem como ponto de partida as normas ISO 704:2022 – "Terminology work – Principles and methods" e 1087:2019 – "Terminology work and terminology science – Vocabulary". A norma ISO 1087 (2019) apresenta o trabalho terminológico como "work concerned with the systematic collection, description, processing and presentation of concepts and their designations". Por sua vez, a norma ISO 704 (2022) acrescenta que o trabalho terminológico:

> (…) is multidisciplinary and draws support from several disciplines (e.g. logic, epistemology, philosophy of science, linguistics, translation studies, information science, cognitive science). It combines elements from many theoretical approaches that deal with the description, ordering and transfer of knowledge (ISO 704, 2022).

O trabalho desenvolvido pelos terminólogos é de caráter multidisciplinar, dado que estes se apoiam em muitas outras disciplinas como, por exemplo, a epistemologia e as ciências da informação,

[2] https://www.sketchengine.eu

combinando-as com o objetivo de descrição, organização e transferência do conhecimento. Contudo, os objetivos da terminologia não ficam por aqui (ISO 704,2022).

> Terminology work according to this document is concerned with terminology used for unambiguous communication in natural language, in particular special languages. The goal of terminology work as described in this document is, thus, a clarification and standardization of terminology for communication between humans. Terminology work can also support knowledge modelling, information modelling, data modelling and classification (…) (ISO 704, 2022).

Segundo Cabré (1999), diferentes perspetivas estão associadas ao trabalho terminológico que partem da forma como a terminologia é encarada:

> We first need to identify four different points of view which in turn lead to different focuses for terminological work and applications:
>
> 1. For linguists, terminology is a part of the lexicon defined by subject matter and pragmatic usage.
> 2. For subject field specialists, terminology is the formal reflection of the conceptual organization of a special subject and a necessary medium of expression and professional communication.
> 3. For end-users (either direct or intermediary) terminology is a set of useful, practical communication units which are assessed according to criteria of economy, precision, and suitability.
> 4. For language planners, terminology is an area of a language requiring intervention in order to reaffirm its usefulness and survival and to ensure its continuity as a means of expression through modernization (Cabré, 1999:11).

Para o trabalho por nós levado a cabo temos em consideração o primeiro tópico supramencionado proposto por Cabré (1999:11). É neste contexto que temos em conta que são diversos os métodos que podem ser adotados no decurso do trabalho terminológico. Primeiramente, existe a discussão em torno da questão da onomasiologia e da semasiologia; em segundo lugar, os dois pressupostos teóricos relativos à dupla dimensão da terminologia.

A terminologia tem vários objetivos como, por exemplo, a redução da ambiguidade no que concerne à comunicação técnico-científica. De modo a contribuirmos para este mesmo objetivo atendemos aos pressupostos teóricos da terminologia, particularmente, a dupla dimensão da terminologia – a dimensão linguística e a dimensão concetual. Esta dupla dimensão permite-nos uma escolha entre várias abordagens metodológicas, dependendo do ponto de partida – o conceito ou o termo.

Antes de avançarmos neste trabalho tem de ser abordado o que se entende por termo e por conceito. Um termo é a designação verbal de um conceito num domínio específico e, teoricamente, é comum aos indivíduos que constituem uma comunidade de comunicação especializada. Se analisarmos a definição apresentada pela norma ISO 1087:2019, esta define termo como "designation that represents a general concept by linguistic means". Neste sentido, um termo é uma unidade lexical especializada, que pode ser composta por uma ou mais unidades lexicais.

Em relação ao conceito, este é definido pela norma ISO 1087 (2019) como "unit of knowledge created by a unique combination of characteristics".

Relativamente aos tipos de características, considera-se oportuno o esclarecimento do que entendemos por característica, tendo em consideração que estas podem ser de variados tipos. A norma ISO 1087 (2019) define a característica essencial como sendo "[a] characteristic of a concept that is indispensable to understand that concept", porém a norma introduz o conceito de característica

não-essencial, que define como "[a] characteristic of a concept that is not indispensable to understand that concept" (ISO 1087, 2019).

A metodologia adotada para este trabalho requer que seja clarificado o que se entende por abordagem linguística e abordagem concetual. Designada por abordagem semasiológica, a primeira abordagem tem o termo como ponto de partida. Assim sendo, a abordagem semasiológica parte dos termos que se encontram em textos.

A segunda abordagem tem como ponto de partida o conceito, sendo a sua finalidade defini-lo e posicioná-lo no sistema concetual a que pertence, permitindo assim a sua diferenciação face a todos os outros. Esta abordagem é denominada por semasiologia. De acordo com Cabré (1999:38), a perspetiva semasiológica está mais próxima do trabalho lexicográfico e a perspetiva onomasiológica está mais presente no trabalho terminológico, tal como apresentado na Figura 1.

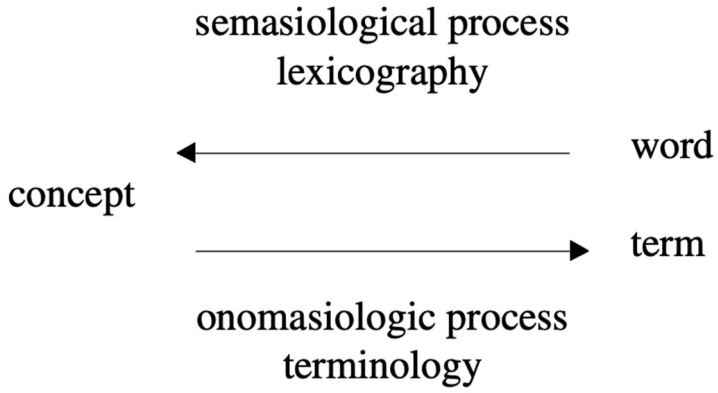

Figura 1: Processos e pontos de partida (Cabré, 1999:38)

No que diz respeito às abordagens, apesar de se poder adotar uma ou outra abordagem, segundo Costa et al. (2020:1), "[q]ualquer trabalho terminológico ancorado nessa bidimensionalidade [linguística/concetual] deve ter em conta essas duas dimensões, independentemente da abordagem metodológica utilizada (...)". Por outras palavras, é necessário ter em atenção que as dimensões linguística e concetual estão intrinsecamente ligadas, quer se opte por uma abordagem onomasiológica quer se opte por uma abordagem semasiológica.

2.1. Terminologia militar

Antes de entrarmos no subdomínio deste estudo, nomeadamente, a estratégia militar, consideramos relevante fazer uma breve abordagem à terminologia militar em geral. Para este trabalho temos em consideração a proposta de terminologia militar apresentada por Ivashchenko e Ivashchenko (2023):

> We define military terminology as a set of terms (words and phrases) to denote general military and special concepts related to military affairs, military science, military equipment (military and technical terms), military legislation, military policy (military and political terms), military diplomacy (military and diplomatic terms), etc (Ivashchenko e Ivashchenko, 2023:48).

Por outras palavras, a terminologia militar diz respeito aos termos que são utilizados em contexto militar, cuja partilha de conhecimento é reconhecida por especialistas e/ou profissionais da área. Diversos termos utilizados no campo militar também se encontram na língua comum. Todavia, no domínio em análise esses termos acabam por adquirir um significado próprio que é partilhado pelos

especialistas e vários utilizadores da terminologia militar. Esta terminologia é comum a todos os ramos das Forças Armadas – Exército, Marinha e Força Aérea. No entanto, existem termos que se aplicam exclusivamente a cada um dos ramos supramencionados. Estes termos podem ser de natureza monolexical ou plurilexical.

Segundo os especialistas do domínio, analisar a terminologia militar obriga a que se tenha em atenção o material, equipamentos e sistemas de armas, assim como considerar a organização militar, a legislação, a disciplina e a subordinação militar, entre outros:

> (...) termos inerentes à conceção e aplicação de materiais, equipamentos e sistemas de armas, assim como termos que se prendem diretamente com a organização militar, nomeadamente com as relações de autoridade e subordinação, a função e relações de comando, a disciplina militar e o exercício da competência disciplinar (IUM, 2020:10).

A terminologia militar é caracterizada por um contexto sensível em que parte do conhecimento veiculado pelos especialistas não está acessível ao público em geral. O facto de muitos documentos serem classificados e confidenciais leva-nos a levantar uma hipótese: será que não temos acesso à totalidade da terminologia militar, mas sim à parte desta que é disponibilizada pelos especialistas e pelas diversas instituições e/ou organizações de caráter militar?

O domínio das ciências militares é, por natureza, uma área de conhecimento multidisciplinar, cujo objetivo é a edificação e emprego de capacidades militares (Academia Militar, s.d.) para fins diversos como, por exemplo, a defesa nacional, a resposta a ameaças, entre outros. Como a Academia Militar (s.d.) identificou, existem vários subdomínios no âmbito das ciências militares, sendo que para este artigo foi selecionado o subdomínio estratégia.

O subdomínio estratégia divide-se em três tipos:

1) estratégia aérea,
2) estratégia marítima, e
3) estratégia militar (IUM, 2020).

Contudo, Ferreira, Valério e Moreira (2018) apresentam uma divisão de estratégia muito mais detalhada como se pode verificar na Figura 2.

Figura 2: Divisões da estratégia quanto à coação segundo Ferreira et al. (2018:259)

De acordo com os mesmos autores, a estratégia divide-se em três níveis:

1) Total,

2) Geral, e

3) Particular.

Sendo o nosso foco a estratégia militar, apenas consideraremos as estratégias que lhe são subjacentes:

a) aeroespacial,

b) naval, e

c) terrestre.

Comparando as duas divisões apontadas por Ferreira et al. (2018) e IUM (2020), surgem diversas questões:

1. Qual a diferença entre os termos "estratégia aérea" e "estratégia aeroespacial"?
2. Por que razão o IUM (2020) não contempla o termo "estratégia terrestre"?
3. Sendo os termos apontados em (1) designações das divisões de "estratégia militar", tratar-se-á a omissão da unidade lexical "militar" de uma redução anafórica ou de uma elipse da unidade lexical nos termos plurilexicais "estratégia [militar] aeroespacial", "estratégia [militar] naval, e "estratégia [militar] terrestre"?
4. Designarão os termos "estratégia marítima" e "estratégia naval" o mesmo conceito?

Devido aos limites de extensão deste artigo focar-nos-emos na última pergunta[3]. A resposta à mesma será possível através da compilação e exploração de um *corpus de especialidade*.

3. Compilação e exploração do corpus

O presente trabalho está ancorado na abordagem mista da terminologia (Costa et al., 2020) de modo que, tendo por base o texto escrito, a dimensão linguística da terminologia ganha relevo quando abordamos a forma como os peritos fazem uso dos termos militares. No nosso caso, enquanto não-especialistas do domínio, essa abordagem será possível com a recolha e compilação de um conjunto de textos escritos produzidos em contexto de comunicação de especialidade.

Não sermos especialistas do domínio do trabalho leva a que tenhamos como ponto de partida a leitura e interpretação de textos que emanam de organizações especializadas e, consequentemente, redigidos por especialistas do domínio em análise. No entanto, ter apenas os textos como base pode induzir o terminólogo em erro e, consequentemente, a produção de um trabalho terminológico também ele erróneo. O texto não contém todas as informações necessárias, visto que os especialistas optam por um discurso adequado ao seu contexto de especialidade utilizando, muitas vezes, expressões que apenas especialistas do ramo conseguem entender. Todavia, só a partir dos textos é que podemos observar o uso dos termos do domínio partilhados pelos especialistas.

Para a constituição do nosso *corpus* realizámos um levantamento de textos de especialidade que resultam dos discursos de especialidade do domínio das ciências militares. Os critérios por nós propostos são os que consideramos como sendo os mais adequados aos objetivos do presente trabalho.

A seleção dos textos a constituírem o *corpus* foi baseada em critérios estabelecidos *a priori*:

a) Quem produziu os textos:
   a. Perito reconhecido pela comunidade especializada em que se insere;
   b. Credibilidade da instituição à qual o perito está associado.
b) Tipo de textos:
   a. Artigos científicos;
   b. Revistas especializadas;
   c. Teses.

[3] As perguntas 1, 2 e 3 não serão consideradas neste trabalho. Neste sentido, nenhum tópico das mesmas será alvo de aprofundamento.

c) Relevância do conteúdo do texto:
    a. Domínio: ciências militares.
d) Data de publicação:
    a. Textos publicados nos últimos 15 anos.
e) Língua:
    a. Português europeu.
f) Outros critérios:
    a. Texto escrito;
    b. Formato Eletrónico;
    c. Textos integrais.

O acesso e recolha dos textos de especialidade foi uma tarefa de difícil execução. Em primeiro lugar, vários textos escritos disponibilizados *online* encontram-se protegidos. Um facto justificado, provavelmente, pelo contexto do domínio militar ser de âmbito sensível e, muitas vezes, classificado. Consequentemente, estes textos não são passíveis de recolha. Em segundo lugar, existe uma escassez de textos escritos que se encontrem disponibilizados *online*, talvez, uma vez mais, justificado pelo contexto específico do domínio do presente trabalho.

Com o início da recolha dos textos escritos obtivemos os mais variados resultados. Contudo, nem todas as fontes foram consideradas como sendo fidedignas. O facto de os textos terem de ser considerados como textos de especialidade levou a que a grande maioria dos mesmos fosse recolhida do Instituto Universitário Militar e da Revista Militar, ambos devidamente credenciados e reconhecidos pela comunidade científica militar. Todavia, fontes cientificamente credenciadas foram igualmente consideradas. As fontes utilizadas para o acesso e recolha dos textos foram as seguintes:

IDN – Instituto de Defesa Nacional[4]

IUM – Instituto Universitário Militar[5]

Universidade Lusíada – Repositório das Universidades Lusíadas[6]

RCAAP – Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal[7]

RDPC-EU – Repositório Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora[8]

Revista Militar[9]

Repositório ULisboa – Repositório Institucional da Universidade de Lisboa[10]

RUN – Repositório da Universidade NOVA de Lisboa[11]

Veritati – Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa[12]

[4] https://www.idn.gov.pt/pt
[5] https://www.ium.pt/reslist
[6] http://repositorio.ulusiada.pt
[7] https://www.rcaap.pt
[8] http://dspace.uevora.pt/rdpc/
[9] https://www.revistamilitar.pt/index
[10] https://repositorio.ul.pt
[11] https://run.unl.pt
[12] https://repositorio.uc.pt

Com a aplicação dos critérios supramencionados, quarenta e seis textos satisfizeram esses mesmos critérios e, consequentemente, foram recolhidos. Posteriormente, foram processados com a ferramenta Sketch Engine, constituindo, deste modo, o nosso *corpus* de análise. No que diz respeito aos números do nosso *corpus*: i) 1.080.504 *tokens*[13], e ii) 55.328 *types.*

Como referido anteriormente, o nosso foco centra-se nos termos "estratégia marítima" e "estratégia naval". Neste sentido, demos início ao processo de análise semiautomática do *corpus* recorrendo à funcionalidade *Concordance*[14] (ver Anexo I) com o objetivo de retirarmos três contextos nos quais os termos em análise ocorrem.

4. Análise de contextos

Com a seleção e análise de diversos contextos pretendemos encontrar elementos linguísticos que representam características dos conceitos designados pelos termos selecionados para a análise de contextos. Antes de avançarmos consideramos necessário o esclarecimento do que se entende por contexto. Neste sentido, adotamos a definição de contexto introduzida por Costa (2001):

> O contexto linguístico, entendido como uma zona de extensão, permite alargar a informação conceptual, semântica e sintáctica da unidade de significação através da sua análise. O contexto linguístico, entendido como uma zona de restrição, define-se como uma zona de localidade, sendo que «[...] *un contexte n'est plus le contexte d'un mot, mais un passage du texte. Un mot peu certes servir à choisir un passage dans une recherche* [...]; *mais ensuite, c'est le passage qui devient l'unité étudiée*» (Rastier, 1998:99) (Costa, 2001:70).

Ou seja, o contexto é parte de um texto em que uma unidade lexical em análise ocorre, permitindo um acesso e análise aos seus coocorrentes diretos e indiretos. O contexto permite ainda observar a unidade lexical em análise, sendo um veículo para identificar ambiguidades, imprecisões, relações léxico-semânticas entre termos, assim como combinatórias lexicais, tais como, por exemplo, colocações e fraseologias.

Comecemos pela análise dos contextos do termo "estratégia marítima":

> **Contexto 1:**
> O Golfo da Guiné é um espaço de confluência de interesses, preocupações em virtude das potencialidades de recursos energéticos que esta zona oferece, porém que transpira instabilidade, traduzidos em terrorismo, atos de pirataria, a exploração ilícita de recursos naturais, imigração clandestina e tráfico ilícito, decorrente dàs [sic] assimetrias económicas, sociais e políticas que se verificam na região e potenciam dificuldades em estabelecer a melhor **estratégia marítima** de Defesa e Segurança (Gaspar, 2014:ix)

A partir da interpretação do Contexto 1 deduzimos que a "estratégia marítima" tem como **objetivo a defesa e a segurança**, sendo esta informação dada pelas formas coocorrentes "Defesa e Segurança". Podemos ainda deduzir que a forma coocorrente "Golfo da Guiné" está relacionada com a "Defesa e Segurança", dado este golfo tratar-se de uma zona conhecida por atos de pirataria marítima.

[13] Os *types* designam o número de unidades lexicais que ocorrem num determinado *corpus*, não contando as repetições das mesmas. Os *tokens* referem-se ao número total de unidades, incluindo as suas repetições.
[14] De acordo com a terminologia da ferramenta Sketch Engine, concordância é uma "(...) list of all examples of the search word or phrase found in a corpus, usually in the format of a KWIC concordance with the search word highlighted in the centre of the screen and some context to the right and to the left".

Segundo a nossa interpretação do Contexto 1, o termo "defesa" é utilizado em relação ao "terrorismo", "pirataria", "exploração ilícita" e "imigração (...) e tráfico".

Contexto 2:
Dentro dos objectivos principais da **Estratégia Marítima** sobressai a importância cada vez mais relevante do controlo do mar, designadamente, para a manutenção da segurança das comunicações marítimas para fins económicos e militares, e para a garantia da exploração dos recursos económicos do mar (Ferreira, 2015:1039).

Da análise do Contexto 2 obtivemos um dado relevante sobre o significado do termo focado. À semelhança do primeiro contexto, o Contexto 2 veicula a seguinte informação: a "estratégia marítima" **tem como finalidade a segurança das vias de comunicação marítimas**, a qual inferimos a partir da interpretação das formas coocorrentes "manutenção da segurança das comunicações marítimas".

Contexto 3:
A **estratégia marítima** integrada será abordada recorrendo-se da análise dos riscos, preocupações, desafios e ameaças com a articulação dos estados membros da CGG, bem como das organizações regionais. O poder naval enquanto instrumento será abordado tendo em conta as missões de estado de alerta que as marinhas devem estar preparadas a desempenhar e as capacidades e meios a serem desenvolvidas para uma eficaz manutenção da segurança marítima continental (Gaspar, 2014:72).

Passando ao último contexto de "estratégia marítima", primeiramente, retemos **o processo de planeamento** da "estratégia marítima", que tem por base uma análise de riscos e ameaças, sendo esta informação dada pelo texto coocorrente "recorrendo-se da análise dos riscos (...)".

Seguidamente, deduzimos que o poder naval **é um instrumento** da "estratégia marítima" devido à informação veiculada pelo texto coocorrente: "poder naval enquanto instrumento". Uma vez que a expressão "as marinhas" está associada ao poder naval, inferimos que a marinha é o ramo das forças armadas que está associado à "estratégia marítima".

Adicionalmente verificamos que as marinhas têm de **executar missões**, sendo esta informação dada pelo texto: "missões (...) que as marinhas devem estar preparadas a desempenhar". Ou seja, podemos deduzir que um outro objetivo da "estratégia marítima" é realizar missões.

Finalmente, observamos **a finalidade** da "estratégia marítima". Essa informação é veiculada pelo texto: "para uma eficaz manutenção da segurança marítima".

Com a análise dos três contextos consideramos ter identificado as características do conceito designado pelo termo "estratégia marítima":

a) Tem como objetivo garantir a defesa e segurança [de vias de comunicação marítimas]
b) Tem como objetivo realizar missões
c) Tem como instrumento a marinha e o poder naval correspondente à mesma

Passamos à análise dos contextos de "estratégia naval":

Contexto 4:
A actual **Estratégia Naval** dos EUA evidencia alguns argumentos de Mahan, tais como, a importância do poder militar naval, das bases militares no exterior e do controlo das vias de comunicação marítimas (Cagarrinho, 2011:5-6).

A partir do Contexto 4 inferimos que o termo "estratégia naval" está **associado ao poder naval**, sendo esta inferência feita com base no texto coocorrente "evidencia (...) a importância do poder

militar naval". Inferimos ainda que a "estratégia naval" tem um papel evidente para os **objetivos políticos e económicos** serem alcançados. Esta segunda inferência tem suporte no texto: "realização dos objectivos Políticos e Económicos".

Contexto 5:
O advogado, historiador naval e geoestrategista britânico Sir Julian Stafford Corbett (1854-1922) tendeu para uma visão de **Estratégia Naval** ligada à protecção das vias de comunicação marítimas. Sustentava que o objecto da Guerra Naval era assegurar o Comando do Mar ou negá-lo ao inimigo (Cagarrinho, 2011:6).

A análise do Contexto 5 permite-nos concluir um dos objetivos da "estratégia naval", nomeadamente, "a proteção das vias de comunicação marítimas". Deste modo, podemos deduzir que um dos **objetivos** da "estratégia naval" é a **defesa** e **segurança** das vias de comunicação marítimas.

Contexto 6:
A estratégia naval é traduzida, no essencial, pela política naval conjugada com a doutrina estratégica naval. Nestas circunstâncias, evidencia o que a Marinha fará e como fará, de forma a cumprir a sua missão, que foi fixada ao nível geral militar (Ribeiro, Silva, Palma e Monteiro, 2010:18).

O último contexto permite-nos estabelecer a relação entre a "estratégia naval" e o **ramo das forças armadas** que lhe está subjacente. O ramo das forças armadas que corresponde à "estratégia naval" é a **marinha**, sendo isto transmitido pela forma coocorrente "Marinhas".

Por fim, o texto "a fim de realizar um (...) conjunto de tarefas e missões", revela-nos que uma das **finalidades** da "estratégia naval" é **realizar missões**.

Com os três últimos contextos analisados pudemos identificar as características que definem o conceito designado pelo termo "estratégia naval":

a) Tem como objetivo a defesa e segurança [das vias de comunicação marítima]
b) Tem como objetivo realizar missões
c) Tem como instrumento a marinha e o poder naval correspondente à mesma

Recolhidas as características que julgamos definirem os conceitos designados pelos termos em análise, passaremos à confrontação das mesmas.

5. Confrontação dos dados terminológicos

Com a análise dos contextos e subsequente identificação de diversas características temos reunidas as condições para que possamos fazer uma confrontação de dados terminológicos com o intuito de verificarmos se os termos de análise designam o mesmo conceito ou conceitos diferentes.

Com a comparação das características verificamos que existem características que são comuns aos conceitos designados pelos termos em análise. Duas características remetem para a(s) finalidade(s): ambos pretendem realizar missões e garantir a segurança, neste caso, marítima. A terceira característica denota o instrumento que é adotado: a marinha e o poder naval que lhe é correspondente.

O facto de identificarmos três características que ambos os conceitos têm em comum leva-nos a deduzir que estamos perante dois termos que designam o mesmo conceito. Neste sentido, podemos deduzir que as três características catalogadas como comuns são as características essenciais do conceito designado pelos termos em análise.

O uso da funcionalidade *Concordance* forneceu-nos, adicionalmente, dados sobre a frequência dos termos em análise no *corpus* e verificámos que o termo "estratégia marítima" ocorre quinze (15) vezes, enquanto o termo "estratégia naval" ocorre cinquenta e oito (58) vezes.

Em IUM (2020) apenas o termo "estratégia marítima" é contemplado. Contudo, o que se verifica no *corpus* constituído no âmbito deste trabalho é que o termo "estratégia naval" é utilizado mais frequentemente. O termo "estratégia naval" é o mais utilizado pelos especialistas do domínio, mesmo após a publicação do Glossário de Termos Militares (IUM, 2020) em 2020, no qual apenas consta o termo "estratégia marítima".

Verificámos que os especialistas designam verbalmente o conceito <estratégia naval> com os termos "estratégia marítima" e "estratégia naval" em contexto de comunicação de especialidade, nomeadamente, na produção de textos, nos quais utilizam com mais frequência o termo "estratégia naval". O termo "estratégia marítima" ocorre quinze vezes no *corpus* de análise por nós compilado, enquanto o termo "estratégia naval", não considerado no glossário em questão, ocorre mais frequentemente.

Esta observação levanta uma questão: porque continuam os especialistas a utilizar o termo "estratégia naval" quando o termo "estratégia marítima" foi escolhido pelo Instituto Universitário Militar como sendo o termo designador do conceito? A resposta a esta pergunta requer um contacto com especialistas envolvidos no processo de construção do glossário em questão, algo que poderá vir a ser desenvolvido noutro contexto académico/científico.

6. Conclusão

O facto de Carreira (2023) ter observado dois termos que, à partida, aparentavam designar o mesmo conceito foi a motivação para o desenvolvimento do presente trabalho.

O objetivo principal deste artigo foi demonstrar uma metodologia que nos permitiu, a partir de textos de especialidade produzidos no domínio das ciências militares, identificar as características do(s) conceito(s) designado(s) pelos termos "estratégia marítima" e "estratégia naval" (Carreira, 2023).

Ao confrontarmos as características recolhidas com base na análise de contextos concluímos que as características são partilhadas por ambos. Neste sentido, o facto de estarmos perante dois termos com as mesmas finalidades – realizar missões e garantir a segurança marítima –, e os mesmos instrumentos – a Marinha e o poder naval –, leva-nos a deduzir que os termos em análise designam o mesmo conceito.

Este estudo é parte de um trabalho em progresso (Carreira, 2023), que tem como finalidade o desenvolvimento de uma base de dados terminológica e de uma ontologia de domínio, servindo a última para fundamentar a qualidade das definições da primeira.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/03213/2020 do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL).

Referências

Academia Militar. (s.d.). Curso de Ciência Militares. https://academiamilitar.pt/curso-de-ciencias-militares-na-especialidade-de-seguranca.html

Cabré, M. T. (1999). Terminology: Theory, Methods, and Applications. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.

Cagarrinho, E. (2011). O papel da Estratégia Naval decorrente das novas ameaças e cenários de crise. [Trabalho de Investigação Individual, Instituto de Estudos Superiores Militares]. https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/1082

Carreira, A. S. (2023). Metodologia para a proposta de uma definição reformulada do conceito de estratégia militar. [Dissertação de Mestrado, Universidade NOVA de Lisboa]. Repositório da Universidade NOVA de Lisboa. http://hdl.handle.net/10362/167907

Costa, R. (2001). Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicos multilexémicas. [Tese de Doutoramento, Universidade NOVA de Lisboa] Repositório da Universidade NOVA de Lisboa. http://hdl.handle.net/10362/12067

Costa, R. (2002). Constituição de corpora de especialidade in *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística,* 253-258.

Costa, R., Silva, R. e Campos, M. I. B. (2020). Terminologia, uma disciplina de interfaces in *Linha D´Água, 33(1)*, 1-8. https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/168211/170390

Ferreira, A. (2015) A Importância e o Valor do Mar in *Revista Militar 2567*, 1039-1048. https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/1076

Ferreira, M., Valério, T. e Moreira, S. (2018). Recensão Crítica ao livro "Introdução à Estratégia", de André Beaufre in Proelium, *Série VII(1),* 255-273. https://academiamilitar.pt/images/site_images/Revista_Proelium/SERIE_VIII/Proelium_VIII_1_2018_255_-_273.pdf

Gaspar, R. (2014). Importância Geopolítica da Região do Golfo da Guiné no Quadro da Defesa e da Segurança. Para uma Estratégia Marítima Integrada. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23113

IUM. (2020). Glossário de Termos Militares. https://www.ium.pt/files/conteudos/260/Glossario_Termos_Militares_v-online.pdf

ISO 704. (2022). Terminology work – Principles and methods. https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:704:ed-4:v1:en

ISO 1087. (2019) Terminology work and terminology science – Vocabulary. https://www.iso.org/standard/62330.html

Ivashchenko, V. e Ivashchenko, D. (2023). Ukrainian military terminology in conditions of armed aggression: legislative and media discourses in *Terminology Science & Research, 26,* 45-67. https://journal-eaft-aet.net/index.php/tsr/article/view/5000/4585

Ribeiro, A. S., Silva, F. B., Palma, J. N. e Monteiro, N. S. (2010). Estratégia Naval Portuguesa – O processo, o contexto e o conteúdo in *Cadernos Navais 34.* https://www.marinha.pt/pt/a-marinha/estudos-e-reflexoes/cadernos-navais/Documents/cadernos_navais_n34_julho_setembro_2010.pdf